

Reflexões Metodológicas na Pesquisa em Folkcomunicação¹

Guilherme Moreira FERNANDES²
Júnior PINHEIRO³
Júnia MARTINS⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre as múltiplas possibilidades metodológicas que a Teoria da Folkcomunicação, cunhada por Luiz Beltrão, pode assumir. O trabalho apresenta a pesquisa de Beltrão, posteriormente o conceito do método e, em seguida, são apresentadas possibilidades de pesquisas folkcomunicacionais nos paradigmas funcionalista, materialista/dialético (marxista), fenomenológico e culturalista (Estudos Culturais ingleses). Pretende-se avançar nessas discussões de cunho metodológico e, de antemão, não ter a intenção de afirmar que a Folkcomunicação se desenvolve apenas com essas opções metodológicas citadas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de base qualitativa.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia Científica; Funcionalismo; Marxismo; Culturalismo. Femenologia.

Introdução

Ao iniciar sua pesquisa sobre o ex-voto como veículo jornalístico, Luiz Beltrão percebeu que formas não-ortodoxas de comunicação eram utilizadas por camadas populares que ou não tinham acesso ao veículos massivos/tradicionais ou as mensagens passadas por esses veículos não eram condizentes com sua realidade. A “pesquisa empírica” realizada por Beltrão neste primeiro momento, podemos assim dizer, foi na verdade uma pesquisa jornalística.

Com o faro apurado em busca de notícias, Beltrão foi percebendo os diversos canais que grande parte da população, especialmente a nordestina, faziam sua comunicação. A partir desta primeira experiência com o ex-voto e do forte incentivo (especialmente de Câmara Cascudo) para continuar este estudo, Beltrão desenvolveu uma grande pesquisa (entre 1959 e 1967) e a apresentou como tese de doutorado. Neste trabalho, Beltrão cunhou o termo Folkcomunicação.

O percurso metodológico de Beltrão, exposto no quarto capítulo de sua tese, deixa claro que ele não se conformava com a realidade brasileira descrita pelos estudiosos da época que apontavam para “dois Brasis”, um em franco desenvolvimento cultural e econômico e outro

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e Mestre em Comunicação pelo PPGCOM da UFJF. Diretor Administrativo da Rede Folkcom. E-mail: gui_facom@hotmail.com..

³ Jornalista e Mestrando em Comunicação pelo PPGCOM da UFPB. E-mail: videologias@gmail.com.

⁴ Bacharel em Comunicação (Rádio e TV) e Mestranda em Comunicação pelo PPGCOM da UFPB. E-mail: juniamartins@hotmail.com.

marginalizado que entravava o plano de progresso. Uma clara divisão binarista, mas não vista como uma posição (ou luta) de classe, mas sim entre duas geografias, entre duas culturas distintas.

Beltrão tinha seu problema de pesquisa e sabia exatamente o que queria saber com sua pesquisa. Assim exposto:

Como se informavam as populações rudes e tardas do interior de nosso país continental? Por que meios, por quais veículos manifestavam o seu pensamento, a sua opinião? Que espécie de jornalismo que forma – ou formas – atenderia à sua necessidade vital de comunicação? Teria essa espécie de intercâmbio de informações e ideias algo em comum com o jornalismo, que passei a classificar de “ortodoxo”? E não seria uma ameaça à unidade nacional, aos programas desenvolvimentistas, aos nossos ideais políticos e à mesma sobrevivência do homem (sic) brasileiro, como tipo social definido, o alheamento em que nós, jornalistas, e os nossos governantes nos mantínhamos ante essa realidade enigmática, que é a comunicação sub-reptícia de alguns milhões de cidadãos alienados do pensamento das elites dirigentes? (BELTRÃO, 2001, p. 74).

Partindo dessas perguntas e pensando nessa tal realidade brasileira dividida em “dois Brasis”, Beltrão adentra o interior nordestino e pode assim observar e conversar com os agentes locais, de políticos a bicheiros, passando por todas as camadas sociais e culturais. O objetivo era o de identificar, nessas pessoas, os

agentes da comunicação popular, os catimbozeiros; estudar-lhe a linguagem, situar em sua mensagem aparentemente distante do propósito informativo-opinativo – porque na maior parte das vezes destinada especificamente a preencher ócios, proporcionar mero entretenimento ou fazer negócios – situar-lhe o conteúdo rico em significados, que produziria no ouvinte, no leitor ou no assistente o mesmo efeito da retórica jornalística entre os receptores do outro Brasil” (BELTRÃO, 2001, p. 76-77).

Para chegar nesses agentes, Beltrão se valeu das lições de Lazarsfeld, que havia dito que os líderes de opinião não se encontram particularmente nas classes mais eruditas, ao contrário, se distribuem de forma equilibrada por todas as classes e profissões – e também da concepção dinâmica do folclore de Edison Carneiro, especialmente na reinterpretação e atualização de uma tradição.

Carneiro foi ligado ao Partido Comunista e, apesar de não citar diretamente os estudos de Karl Marx (por força política), podemos dizer que sua pesquisa se enquadra na episteme da dialética (materialista). Estas “problemáticas epistemológicas” foram discutidas por Isabel Amphilo (2010), contudo acreditamos que a pesquisa folkcomunicacional pode ser desenvolvida com múltiplos olhares metodológicos. Este é o objetivo deste trabalho.

Um Olhar sobre o Método

Um conjunto de procedimentos técnicos e intelectuais empregado sistematicamente numa investigação científica, no intuito de se alcançar resultados, de chegar a um objetivo – assim pode ser preliminarmente definido o método científico. Por outro lado, o modo de olhar o objeto, na busca de uma resposta objetiva, sem deixar de considerar as relações subjetivas do pesquisador na observação e interpretação dos resultados, é igualmente uma afirmação coerente quando se trata da definição de método. No viés etimológico, recorrendo à sua origem grega, como *methodos*, ele compreende o caminho percorrido em direção a uma finalidade, em direção a algum lugar.

Neste caminho percorrido, alguns passos são basilares numa pesquisa de fundamento científico, como a formulação de uma hipótese, a problematização, a observação, a experimentação, a interpretação, a conclusão. Nem todas estas etapas, contudo – considerando as aqui citadas, são sequencialmente obrigatórias ou predeterminantes para o processo investigativo, elas tendem a se adequar aos diferentes tipos e campos de estudos, segundo a direção pretendida pelo autor. Neste sentido, Trujillo Ferrari destaca o método enquanto “procedimento racional arbitrário de como atingir determinados resultados.” (FERRARI, 1982, p. 19) Acrescenta ainda que, “na ciência, os métodos constituem os instrumentos básicos que ordenam de início o pensamento em sistemas, traçam de modo ordenado a forma de proceder do cientista ao longo de um percurso para alcançar um objetivo preestabelecido.” (FERRARI, 1982, p. 19)

Historicamente, estudiosos como Charles Darwin, René Descartes, Isaac Newton, Francis Bacon, Karl Popper, Thomas Kuhn, dentre outros, fundamentaram experiências essenciais para o avanço da consolidação dos diferentes métodos científicos. Quer seja na ciência social ou na natural, o método se faz imprescindível; porém, as Ciências Sociais contemporâneas tendem a formulações menos cartesianas, na proposta de uma visão mais sistêmica e menos positivista, como propõe, por exemplo, o filósofo Edgar Morin.

No campo das Ciências Sociais Aplicadas e, aqui, no que nos interessa, no campo da Folkcomunicação, destacamos os métodos funcionalista, marxista (materialista/dialético), fenomenológico e culturalista; na tentativa de aproximar a disciplina de olhares metodológicos possíveis.

A Pesquisa Funcionalista em Folkcomunicação

Apesar de o funcionalismo sociológico ser o modelo dominante de pesquisas em termos mundiais, a forma como alguns manuais de teoria da comunicação o trata, nos dá a impressão de ser algo datado; como se as pesquisas ainda fossem baseadas no modelo do estímulo e resposta. Na verdade, é baseado nos estudos seminais de Émile Durkheim, nos quais “o

funcionalismo sociológico parte do princípio segundo o qual todo elemento, que componha (que é) social, é solidário aos demais, não podendo ser compreendido fora da totalidade que ele institui e o que constitui como parte” (POLISTCHUK e TRINTA, 2003, p. 85). No universo comunicacional, “o funcionalismo supõe que o desenvolvimento dos meios de comunicação corresponda a novas necessidades sociais e, sendo esse o caso, a tais meios compete proporcionar satisfações a expectativas de um público”. (POLISTCHUK e TRINTA, 2003, p. 85)

As pesquisas iniciais deste paradigma, como sabemos, foram iniciadas nos Estados Unidos, sobretudo com os estudos de Lasswell, a respeito da propaganda no período de Guerra. No campo filosófico, o paradigma tem orientação positivista, ou seja, uma concepção disciplinar resultado de um objeto e um método. O método em questão tem natureza empírica. Assim, quatro são os focos principais dos estudos comunicacionais de cunho funcionalista. 1) A análise centrada no receptor; 2) O enfoque psicossociológico e psicolinguístico; 3) a preocupação com conceitos operacionais e, por fim, 4) o nível descritivo de estudo. (LOPES, 1994, p. 45).

As principais críticas ao funcionalismo são de natureza marxista, especialmente pela ausência do conceito de classe social como princípio explicativo de análise da sociedade capitalista. O conceito de cultura popular dentro do funcionalismo não tem significado classista – lembremos que Beltrão afirmava que Folkcomunicação não é uma comunicação classista – contudo, a cultura popular no funcionalismo é tida como uma modalidade atrasada de relações e representações populares, como diagnosticou a professora Maria Immacolata Vassalo de Lopes. A concepção normativa da cultura, como sabemos, não ganhou eco no pensamento beltraniano.

Tomando como base a concepção de “nova abrangência da Folkcomunicação”, apresentada pelo professor Roberto Benjamin (2000), percebemos que três dos seis tópicos listados, são claramente funcionalistas, justamente por esse paradigma explicar a organização social pelo inventário das funções exercidas pelos seres humanos e as instituições que criam. Ou seja, a necessidade dos comunicadores folk buscarem seus próprios canais de comunicação e as funções que estes canais ocupam no sistema social.

Retornando aos tópicos apresentados por Benjamin, as pesquisas funcionalistas em folkcomunicação podem ser divididas em: 1) A comunicação (interpessoal e grupal) ocorrente na cultura folk – ou seja, o estudo clássico já apresentado por Beltrão: o estudos dos agentes, meios de informação, meios de expressão de ideias, opiniões e atitudes por meios ligados direta ou indiretamente ao folclore dinâmico. 2) A mediação dos canais folk para a recepção da comunicação de massa – esse ponto, como sugere o termo “mediação” também pode ser

estudado pelos viés culturalista. Contudo, no funcionalismo, está a preocupação dos líderes de opinião repassarem aos seus influenciados as informações difundidas pelos *medias*. Benjamin também descreve a importância dos estudos da psicologia da comunicação (comportamental) através das denominações de exposição seletiva, percepção seletiva e retenção seletiva (o que, de certa forma, vai ao encontro do modelo de codificação-decodificação de Hall, caro ao culturalismo). Por fim, 3) A apropriação de tecnologias da comunicação de massa e o uso dos canais massivos por portadores da cultura folk – esse ponto leva em consideração às novas tecnologias da comunicação e da informação e mostra os canais folkmediáticos difundidos em massa.

Folkcomunicação e Correntes Marxistas

Compreendida como de origem genuinamente brasileira, a Folkcomunicação tem solidificado seus estudos, corroborados por pesquisadores de áreas de formação que não somente a Comunicação, favorecendo a gravitação teórica e prática que a sedimenta como disciplina da Comunicação e das Ciências Sociais Aplicadas. Exatamente por este diálogo e flexibilidade científica, diversos caminhos metodológicos são percorridos nos estudos dos objetos da comunicação popular, a fim de servirem como suporte nas investigações e de auxiliarem na localização de respostas às questões levantadas pela *episteme beltraniana* e de seus discípulos.

Após sua experiência enquanto jornalista, quando conviveu de perto com realidades distintas, num Brasil com acentuados contrastes sociais, Beltrão partiu para investigação científica, nos anos 1960, e organizou seu pensamento acerca da existência de dois “Brasis”, um primitivo e outro em contínuo desenvolvimento, que conviviam num mesmo espaço social.

O cenário dicotômico e descompassado entre massa popular e elite, incitou o pesquisador a pensar que a problemática da desigualdade social passaria, antes, pela comunicação. A elite, classe organizada, dona dos meios de comunicação de massa, colocaria as camadas populares em dependência hierárquica, “virando as costas” para o povo brasileiro. Surgem os primeiros indícios para a criação da Teoria da Folkcomunicação – entre as questões epistemológicas levantadas por Beltrão, é incluída a pergunta: “Por que meios, por quais veículos são manifestados o pensamento e a opinião do povo?”. É levantada a hipótese de que o folclore estabelece uma função não apenas social, mas comunicativa nas camadas populares, tendo a atuação precípua de líderes de opinião em seus grupos constitutivos – vertente de pensamento influenciada pela análise funcionalista de Lazarsfeld.

Partindo do pressuposto funcionalista delineado pela Teoria da Folkcomunicação – o qual considera a função social de cada fenômeno nos grupos sociais, como também percebe a sociedade e a cultura como organismo integrado de funções – Beltrão identifica que o folclore tem uma função social comunicativa nas camadas populares e se vale de explicações pautadas em termos marxistas como “superestrutura”, “marginalizados” e “alienados”. Além disso, recorre aos estudos do sociólogo Edison Carneiro, de linha neomarxista, ao abordar a dinâmica social sob o olhar dialético.

É interessante ressaltar neste íterim que referências utilizadas nos estudos publicados relacionados à Folkcomunicação trazem, com certa constância, autores que flertam com a teoria marxista. Entre eles, podemos destacar o geógrafo e professor Milton Santos, com suas contribuições para o estudo do território e da pobreza; o já mencionado advogado e folclorista Edison Carneiro, neomarxista que deixou seu legado contra a exploração de classes e o preconceito de cor; o historiador e geógrafo Caio Prado Júnior, utilizado pelo próprio Beltrão nas referências sobre a formação do Brasil; o sociólogo e professor Jorge González, com influência nitidamente marxista ao abordar vieses entre comunicação e classes populares; e, por fim, o político e jornalista Antonio Gramsci – bastante citado, inclusive, por González.

Na reatualização do marxismo clássico, as ideias gramscianas preconizavam a mudança social pela transformação do proletariado em força política e cultural, por meio da conquista dos instrumentos ideológicos. O intelectual orgânico teria papel salutar nesta conquista, um intelectual proveniente não da burguesia, mas da própria massa popular. Nos estudos da folkcomunicação, é comum perpassar por temas como hegemonia da cultura, cultura dos pobres/marginalizados, cultura popular ou iletrada, entre outros afins, tendo os estudos de Gramsci como respaldo.

Certamente não se deve incorrer na afirmação de que a simples referência dos autores mencionados, contida em estudos da folkcomunicação, dá a estes um caráter próximo ao método marxista. Antes, exige-se a verificação do contexto. Por outro lado, não se pode asseverar com precisão que a Teoria da Folkcomunicação utiliza unicamente o método funcionalista. Na obra de Beltrão, fica clara esta lacuna quanto ao método; o que não diminui a relevância da sua pesquisa, apenas abre brechas para novas leituras e discussões nas veredas da metodologia da disciplina.

Na tentativa de compreender as complexas teias de mensagens das camadas populares, percebe-se que Beltrão desenvolveu sua pesquisa sobre a comunicação no Brasil colonial, partindo do materialismo histórico e dialético – correntes teóricas e metodológicas com intensa representação na academia brasileira, no período em que o autor fez seus estudos. Luiz Beltrão

estudou o ser histórico e social para depois adentrar à identificação dos grupos sociais e seus líderes de opinião e, ao fazê-lo, desviou-se da sua linha ideológica difusionista/funcionalista.

Além dos autores e referências marxistas, encontrados nos textos beltranianos, outros teóricos têm seus estudos relacionados com a temática da Folkcomunicação, como o francês Pierre Bourdieu e seus estudos sobre campos e capitais simbólicos e culturais e os brasileiros Renato Ortiz – e seus trabalhos acerca da identidade nacional, tradição e cultura e Muniz Sodré – que traz, em sua obra, questões ligadas à presença popular na mídia, identidade, minorias e distinções sociais.

Ainda neste íterim, mais uma autora brasileira, Ecléa Bosi, faz diferenciação entre cultura erudita, transmitida pela escola e cultura popular – uma cultura do cotidiano, criada e desenvolvida pelo povo, pelas comunidades e que existe independentemente de seu reconhecimento pela educação formal e cujo potencial criativo “articula uma concepção do mundo e da vida em contraposição aos esquemas oficiais” (BOSI, 1996, p.63). Para a autora, ao lado da cultura do povo, existe também a cultura de massa, veiculada pela mídia e que, “diferentemente do folclore, não tem raízes na vivência cotidiana do homem da rua. Ela produz modas (...) mas não foi capaz de criar nada” (BOSI, 1996, p. 77).

Outra contribuição às pesquisas em Folkcomunicação vem do autor alemão Hans Magnus Enzensberger - um dos principais nomes da *New Left*. Ele sugere uma mudança de foco dos estudos comunicacionais da emissão para a recepção e defende que os meios de comunicação eletrônicos possuem um potencial emancipador e uma força mobilizadora, o que leva a uma participação e adesão popular quanto aos seus processos produtivos e sociais.

Os estudos acerca da cultura, dos intelectuais orgânicos e da hegemonia, do sociólogo neomarxista italiano Antonio Gramsci, já mencionado, ao assegurarem, como possibilidades reais de resistência às manifestações culturais oriundas das camadas mais pobres e a utilização de meios alternativos e populares de comunicação, influenciaram parte dos Estudos Culturais Latino-americanos, principalmente os que foram desenvolvidos na segunda fase do Ciespal (Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para a América Latina), quando o mesmo intenta romper com a ideologia norte-americana e muda sua linha, enfatizando movimentos sociais, comunicação popular e dando espaço a teóricos latino-americanos.

Como visto, a Folkcomunicação apresenta-se num terreno fértil para o desenvolvimento de análises, seja pela amplitude de seu campo e possibilidades de objetos de estudo, como também pela versatilidade de pontos de vista metodológicos que ela permite, no labor da concepção de suas pesquisas. Afora o pensamento dicotômico funcionalismo/marxismo, outros métodos são passíveis de utilização na investigação folkcomunicacional.

Fenomenologia da Folkcomunicação

Indo além da perspectiva marxista, Antonio Hohlfeldt (2013) suscita a fenomenologia como um ponto de vista possível à definição do método, na pesquisa de Beltrão. Para tanto, esboça a necessidade de comunicação do homem com as coisas e com o outro, que vai muito além do estar no mundo – segue na busca da sua compreensão. Para a fenomenologia, esta compreensão passa obrigatoriamente pela aparência; antes do olhar sobre o mundo que existe, é validado aquele sobre o mundo que é percebido. Percepção, intuição e efemeridade são palavras-chave na tentativa do enlace da fenomenologia às manifestações folkcomunicacionais.

Antes de penetrar na fenomenologia propriamente dita, Hohlfeldt faz uma rápida trajetória, de Platão a Husserl, no explanar de conceitos circundados à percepção do mundo. Em Platão, é lembrada a definição das duas realidades por ele postas – a sensível, mundo de imagens e aparências; e a inteligível, composta pelas coisas fisicamente verificáveis. O idealismo platônico logra as primeiras sementes da fenomenologia, pois concebe a ideia como algo permanente a todo objeto; aguçando o labor investigativo sobre a *representação* e o *dever* de todas as coisas, estimulando a complementaridade entre *razão* e *sensibilidade*.

É a partir dos pressupostos platônicos que Aristóteles discorre sobre a *physis*, alocando a inteligência humana como única possibilidade do conhecimento da verdade; único meio de apreciar a totalidade e a realidade do ente. Esta apreciação é, contudo, dotada de intuição. Tal proposição é atualizada nos estudos bergsonianos, que concebem a intuição como princípio para a explicação lógica.

Até chegar a Edmund Husserl, considerado o pai da fenomenologia, Hohlfeldt ainda perpassa pelo filósofo empirista John Locke, no realce à importância dos sentidos para o estabelecer das deduções; e por Immanuel Kant, filósofo que frisa “a existência de outras realidades em si mesmas, independentemente da percepção humana”. O idealismo transcendental kantiano é critério analítico fundamental para o balizamento fenomenológico. A crítica a este critério é feita por Husserl (1986), que considera a fenomenologia de Kant incompleta, especialmente devido à ausência de um método bem elaborado e de uma construção sistemática, o que a impediria de ser vista no patamar de ciência plena.

Como parte da construção do viés metodológico, o princípio da *intencionalidade* se firma como uma das principais contribuições de Husserl. Para ele, a intencionalidade é um ato psíquico, é sempre a consciência de alguma coisa. Deste modo, não é obrigatoriamente preciso que o objeto seja visto, ou mesmo exista, para que o indivíduo pense sobre ele. E sendo a intencionalidade um ato da consciência, não cabe a preocupação se o que é pensado

corresponde àquele objeto externo; pois este pode ter um único corpo, contudo, pode ser “moldado” de várias formas, de acordo com os olhos de quem vê.

A fenomenologia sugere assim, uma realidade construída socialmente e entendida como o percebido, interpretado, comunicado. Uma realidade que não se mostra como única ou acabada: existem tantas quantas forem as suas interpretações e comunicações. Há a desconfiança de tudo que é ordenamento e estruturação – sendo assim, a desordem, o caos, o movimento mostram o “objeto vivo” e, portanto, rico para a investigação. O *conceito*, como algo fechado e incorruptível, não fica confortável diante das múltiplas linguagens que movimentam os muitos grupos socioculturais.

A comunicação tecida na microsociologia do cotidiano, com base na fenomenologia, se apresenta num caráter multidimensional, movida por variadas formas estéticas. Neste sentido, os processos comunicacionais tendem a revelar as linguagens subterrâneas por meio das socialidades afloradas – formas sociais geradas sem obrigação de contrato, tais quais as manifestações espontâneas da cultura popular.

É interessante perceber como os grupos delineados por Beltrão fomentam objetos de estudo idênticos aos da fenomenologia contemporânea, que considera a formação de tribos por laços afetivos na sociedade de massa, em encontros pontuais de interesse comum, na intenção de religação com o sentimento do mundo (MAFFESOLI, 2010). Maffesoli (2004) exalta a comunicação como a *realiance*, como o cimento social e a cola do mundo pós-moderno. Em paralelo, Luiz Beltrão assim observa:

Os grupos constitutivos da sociedade ora estão organizados com uma missão específica a cumprir e interesses definidos a salvaguardar (...); ora são informais, ligados apenas espiritualmente por certas ideias filosóficas, interesses gerais e experiências comuns à espécie humana. (...) Os grupos acham-se, assim, vinculados a uma ordem semelhante de ideias e a um propósito comum: adquirir sabedoria e experiência para sobreviver e aperfeiçoar a espécie e a sociedade. Sabedoria e experiência, sobrevivência e aperfeiçoamento que só se conseguem mediante a comunicação. (BELTRÃO, 2001, p.53)

Assim como Beltrão dá importância à força da comunicação dos pequenos grupos por meios de expressão aparentemente banais, Maffesoli, referindo-se às experiências partilhadas no dia-a-dia, as quais chama de “nada ou quase nada”, diz que “os rituais minúsculos se invertem até se tornarem base da socialidade” (MAFFESOLI, 2010, p. 53), são exatamente estes rituais que dão uma eficácia simbólica à vida. O autor valora as manifestações externadas pelos grupos periféricos na delimitação dos seus territórios, chegando a citar Gilberto Freyre ao tratar da perseverança do povo na ocupação do seu espaço. Para Maffesoli (2010, p. 202), o

povo é o “gênio do lugar”, sua vida no dia-a-dia assegura a ligação entre o espaço e o tempo. Ele é o guardião ‘não-consciente’ da socialidade.

Com diálogos que partem do aprendizado com seu mestre Gilbert Durand – por sua vez, aluno de Bachelard e Jung – Michel Maffesoli pensa numa sociologia que preza pela razão sensível, típica de uma sociologia compreensiva. Nesta via, sugere a direção da investigação para “como o objeto se apresenta”, no lugar de “o que o objeto representa”. Destarte, recorre ao formismo, com reformulações da Sociologia da Forma proposta por Simmel.

Por outro lado, ao falar sobre grupos periféricos urbanos, a fenomenologia tende a não abordar conflitos de classe ou mudanças estruturais. A descrição das aparências molda o olhar em direção ao mundo e às coisas, à forma do objeto e seus traços impressos no imediatismo da percepção do pesquisador. O presente, o agora, o instante mostram-se vitoriosos diante dos ponteiros horários e da tradição – o presenteísmo se estabelece como um dos instrumentos para a pesquisa. Neste sentido, o historicismo é ignorado, numa crítica radical à Marx e Hegel, por exemplo.

Na análise de Hohlfeldt, são lançadas três questões norteadoras da Fenomenologia da Folkcomunicação. Entre elas, destaca-se a primeira: “a) forte diferenciação socioeconômica e, por consequência, cultural, entre os diferentes segmentos populacionais da sociedade brasileira”. Indaga-se – seria possível, neste contexto, tratar a diferença socioeconômica/diferença de classes sem passar por conceitos como hegemonia cultural e superestrutura, tendo em vista “somente” a descrição ou o caráter formista da manifestação folkcomunicacional? Como ver além das aparências as complexidades semânticas e históricas dos grupos folclóricos e de comunicação popular tendo como ponto fulcral o que é imediato e superficial ou, “simplesmente”, como eles se mostram?

Decerto, os fios que podem tecer a trama entre a fenomenologia e a folkcomunicação têm, nesta apresentação ao texto de Antonio Hohlfeldt, caráter intimamente preliminar. Trata-se de deduções rasas a serem descortinadas em pesquisas mais aprofundadas. De qualquer sorte, levantar equações, ainda que corram o risco do equívoco, é sempre uma experiência válida para o estímulo à abertura de novos conflitos, de novas trilhas.

A Pesquisa Culturalista na Folkcomunicação

Os Estudos Culturais surgiram em Birmingham na Inglaterra no final dos anos de 1950, por meio das pesquisas de Richard Hoggart, Edward Thompson e Raymond Williams; mais tarde, Stuart Hall se integra ao grupo. Sua história está ligada ao *Centre for Contemporary Cultural Studies*, fundado na Universidade de Birmingham em 1964. Nessa época, os autores

tinham uma politização maior, se aliando à Nova Esquerda inglesa e buscando em Karl Marx grandes contribuições.

Richard Johnson (2006) descreve três principais contribuições de Marx para os Estudos Culturais: 1) os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações e as formações de classe, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as opressões de idade; 2) cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais; 3) cultura não é um campo autônomo, mas um local de diferenças e de lutas sociais.

Também gostaríamos de lembrar que os Estudos Culturais não possuem uma metodologia própria, tal qual a Folkcomunicação. Johnson aponta que as principais características dessa escola são: abertura, versatilidade teórica, espírito reflexivo e, especialmente, a importância da crítica, sendo entendida como “o conjunto dos procedimentos pelos quais outras tradições são abordadas tanto pelo que elas podem contribuir, quanto pelo que elas podem inibir” (JOHNSON, 2006, p. 10). Mas, não é pela “abertura” dos Estudos Culturais, que todas as pesquisas podem enquadrar nessa perspectiva teórica.

Johnson (2006) também propõe três modelos de pesquisas dentro dos Estudos Culturais: estudos baseados na produção; estudos baseados no texto; e estudos baseados nas culturas. É com base nessas três concepções que buscaremos interfaces com as pesquisas desenvolvidas atualmente sobre a folkcomunicação. A respeito dos estudos baseados na produção, Johnson explica que eles “implicam uma luta para controlar ou transformar os mais poderosos meios de produção cultural ou para desenvolver meios alternativos pelos quais estratégias contra-hegemônicas poderiam ser buscadas” (JOHNSON, 2006, p. 104).

O processo folkcomunicacional, de acordo com Beltrão (1980, 2001) e Benjamin (2000, 2004), contempla as duas proposições de Johnson. Em relação à transformação dos meios de comunicação, entendemos, tal qual propôs Trigueiro (2008), que os ativistas midiáticos são responsáveis por transformar o sistema comunicacional. Esse ativista pode buscar elementos da indústria massiva ou se apoiar nos preceitos folclóricos para garantir o direito à comunicação de seus influenciados.

Também entendemos o processo de Folkmarketing, descrito por Lucena Filho (2007), um exemplo de transformação. O autor explica que órgãos públicos e privados utilizam preceitos da cultura popular para divulgar (vender) sua imagem, através das estratégias do marketing e do processo folkcomunicacional. Luyten (2006), ao defender o diálogo entre o popular e o massivo, diz que a cultura popular pode estar presente nos veículos massivos, bem como os massivos na popular, esse processo deixa explícito a ideia da transformação, tanto da

cultura popular como da de massa. Outro exemplo são os folguedos populares como o Bumba-meu-boi (Maranhão) e Boi Bumbá (Amazônia) que se transformaram em eventos massivos, do mesmo modo que o Carnaval, as Rodas de Samba e a Festa de São João. Benjamin (2004) também narra que muitos grupos folclóricos incorporaram traços da cultura de massa (principalmente a televisiva) em suas manifestações folclóricas, sobretudo as que se enquadram na espetacularização folkcomunicação. Sem entrar no mérito se isso é positivo ou negativo, é fato que essa interface gerou uma modificação, transformando-a em uma cultura híbrida.

O segundo argumento (desenvolver meios alternativos) de Johnson também está previsto nas obras de Beltrão e Benjamin. São meios alternativos folkcomunicacionais o cordel, almanaque, folhinhas, mamulengos, folheto popular, ex-votos, entre outros. O cordel, por exemplo, tem como uma das suas características a informação. Por meio de sua forma peculiar, acontecimentos também midiáticos são temas usados pelos cordelistas para informar e formar a opinião de seus leitores. Além disso, podemos citar os jornais de bairro que dão aos cidadãos a possibilidade de se ver, de olhar para uma notícia e saber que ela lhe diz respeito e faz parte da sua cultura. Uma rádio comunitária autêntica também cumpre o papel de praça pública e pode ser vista pela ótica folkcomunicação. Até mesmo a criação de sites na internet pode ser entendida como meios alternativos para divulgar uma determinada cultura e promover a cidadania.

O segundo modelo de estudos dentro da perspectiva culturalista proposta por Johnson são os estudos baseados no texto que “ao se focalizarem nas formas dos produtos culturais, têm, em geral, se preocupado com as possibilidades de uma prática cultural transformativa” (JOHNSON, 2006, p. 105). O autor inglês explica que sob esta ótica está a noção de uma autoprodução discursiva dos sujeitos, especialmente na forma de histórias e memórias. (p. 95) e caráter dos textos oral-histórico (p. 122).

Os meios alternativos folkmidiáticos além de serem produtos culturais se preocupam com as transformações culturais. Os folhetos de cordel, por exemplo, além de guardar a memória de uma comunidade, também adquire função jornalística, nas palavras de Benjamin:

Para os folhetos de atualidade os poetas agem como jornalistas, alguns se intitulam poeta-repórter. No caso de acontecimentos locais ou regionais vão à cena do crime ou do acidente, fazem observações diretas e entrevistam testemunhas; para os fatos que não podem apurar utilizam como fonte os meios de comunicação social e então funcionam como intermediários entre estes e o público. (BENJAMIN, 1980, p. 110).

Ainda a respeito da literatura de cordel, Luyten (1987, p. 67) explica que a participação dos cordelistas com os acontecimentos é direta “já se foi o tempo em que o poeta popular se referia a princesas e cavaleiros andantes, o tempo de bichos que falavam e de cangaceiros

arrepêndidos” (LUYTEN, 1987, p. 67). Atualmente, os poetas populares vivem nas grandes metrópoles e “sentem” os problemas da cidade como os demais habitantes. Luyten ainda comenta que “embora sempre procure salvaguardar os sentimentos de nacionalismo e dignidade humana, o poeta popular percebe que para vencer as dificuldades do momento é preciso muita luta. E ele, como porta-voz dos fracos, deverá estar na frente”. (LUYTEN, 1987, p. 67-68).

Já os estudos baseados nas culturas vividas (terceiro modelo de estudos) são apresentados por Johnson associados com uma política da ‘representação’, “apoando as formas vividas dos grupos sociais subordinados e criticando as formas públicas dominantes à luz de sabedorias ocultas. Este trabalho pode, inclusive, aspirar para tornar hegemônicas culturas que são comumente privatizadas, estigmatizadas ou silenciadas” (JOHNSON, 2006, p. 105).

As palavras do pesquisador britânico vêm ao encontro dos grupos marginalizados propostos por Beltrão (1980). Beltrão explica a existência de três grandes grupos marginalizados, os rurais, os urbanos e os culturais. Cabe aqui a reflexão sobre os grupos culturalmente marginalizados. Beltrão subdividiu o grupo em: messiânicos (seguidores de um líder carismático que segue uma doutrina não hegemônica), políticos-ativistas (líderes que representam a ordem de um local, sendo só reconhecidos por uma comunidade, detêm poder local, mas não regional; podem fazer uso de força para a manutenção do poder) e erótico-pornográficos (pessoas que vão contra à ordem moral e sexual vigente na sociedade. Fazem parte desse grupo as prostitutas, os homossexuais, as feministas etc.).

Ao se trabalhar com os grupos culturalmente marginalizados de Beltrão, fatalmente utilizaremos o conceito de hegemonia de Gramsci, também muito estudado e evocado nos Estudos Culturais. O indivíduo marginal, para Beltrão, é aquele que está à margem de duas culturas, uma hegemônica (dominante) e ou contra-hegemônica (folk). Podemos incluir a luta das minorias nesse contexto, em que muitas lutam para serem reconhecidos e terem os mesmos direitos (o que inclui o direito à comunicação) dos grupos hegemônicos, tal qual prevê Johnson.

O indivíduo marginal descrito por Beltrão (1980) muitas vezes se apresenta dentro das normas socialmente aceitas, pois ele teme ser rejeitado por determinados grupos, porém, quando está junto ao seu grupo folk, ele pode assumir sua identidade dentro desse grupo. Por exemplo, é difícil para um homossexual se declarar gay nos ambientes de trabalho e escola, porém, quando está junto a outros homossexuais ele (pode) não tem (ter) problemas em se assumir como tal, desde, é claro, que já tenha passado pelo processo de *coming out* (sair do armário).

Considerações Finais

Este trabalho não pretende ser conclusivo, tão pouco limitar a Folkcomunicação aos métodos aqui descritos. Nosso objetivo foi demonstrar que outras perspectivas também podem ser aproveitadas nos estudos folkcomunicacionais. O método funcionalista, utilizado por Beltrão na concepção da sua tese sobre Folkcomunicação, constitui-se como uma análise interpretativa que enfatiza a função social de um fenômeno e não o seu efeito. É também conhecido como teoria do consenso, devido à sua visão determinista. Tal método considera a sociedade como uma estrutura funcional complexa, com funções desempenhadas e manifestadas por cada grupo social que a integra.

Já o método marxista tem como base filosófica o materialismo dialético, que tende a exaltar a importância da prática social e das relações materiais entre as classes constitutivas de uma sociedade. A pesquisa com linha marxista abrange fatores como relações, modos e meios de produção, as forças produtivas e o homem como um ser social. Considera assim, a materialidade do mundo, a prática e a consciência sociais como fatores elementares no desenvolvimento da pesquisa.

A fenomenologia, por sua vez, circunscrita como uma metodologia da compreensão, procura observar as aparências primeiras de cada fenômeno. Normalmente se utiliza da descrição do objeto observado e de suas manifestações. A apreensão do que é visto, do que é notado, portanto, se mostra como um dos instrumentos possíveis para a investigação. Intenta atingir a essência do objeto e, para isso, considera a superfície do mesmo, sua forma – e não sua profundidade – como elemento norteador da interpretação.

O método culturológico, por fim, procura identificar a natureza da cultura das sociedades contemporâneas; partindo de uma análise da Teoria Crítica. Uma apreciação culturológica traz normalmente a cultura como um produto fabricado pelos *mass media*; logo imbuído de valores, símbolos, mitos e imagens que convergem para a construção de uma dimensão simbólica.

Todos estes métodos supracitados, relacionados à Teoria da Folkcomunicação, pretendem situar-se, neste artigo, como trilhas possíveis e não como caminhos únicos. A intenção é trazer à tona discussões imprescindíveis a todo campo científico, no realce às suas nuances e complexidades de investigação. No caso da Folkcomunicação, disciplina que alcança sua maturidade acadêmica, visto sua riqueza cultural e social, acreditamos que seja importante a amplitude dos olhares, na tentativa de alçar outros voos metodológicos.

Referências

AMPHILO, Maria Isabel. **A gênese, o desenvolvimento e a difusão da Folkcomunicação**. 2010. 733f. Tese de Doutorado (Doutorado em Comunicação)– Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), São Bernardo do Campo, 2010.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BENJAMIN, Roberto. Literatura de cordel: produção e edição no Nordeste Brasileiro. In: MARQUES DE MELO, José (org.). **Comunicação e classes subalternas**. São Paulo: Cortez, 1980. p. 105-119.

_____. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2000.

_____. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Com. Gaúcha de Folclore, 2004.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. Leituras de operárias. Petrópolis: Vozes, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 9 ed. Campinas-SP: Papirus, 2008.

FERRARI, Trujillo Alfonso. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill, 1982.

HOHLFELDT, Antonio. A Perspectiva Femenológica da Folkcomunicação. In: MARQUES DE MELO, José e FERNANDES, Guilherme M (orgs). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Editora 70, 1986.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais?. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 07-131.

LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **A festa junina em Campina Grande – PB**: uma estratégia de folkmarketing. João Pessoa: Ed. UFPB, 2007.

LUYTEN, Joseph. **O que é literatura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Folkmídia: uma nova visão de folclore e folkcomunicação. In: SCHMIDT, Cristina (org.). **Folkcomunicação na arena global**: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006. p. 39-49.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4 ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. A Comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Org.). **A genealogia do virtual**: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 20-32.

POLISTCHUK, Ilana e TRINTA, Aluizio R. **Teorias da Comunicação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

TRIGUEIRO, Osvaldo. **Folkcomunicação e Ativismo Midiático**. João Pessoa: Ed.UFPB, 2008.